



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ISABELE SANTOS SILVA

**A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL
EM SANTO AMARO BA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2018**

ISABELE SANTOS SILVA

**A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL
EM SANTO AMARO BA**

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

ISABELE SANTOS SILVA

**A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO INFORMAL
EM SANTO AMARO BA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 05 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Ana Cláudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	APRESENTAÇÃO DO TEMA	5
1.2	DELIMITAÇÃO DO TEMA	8
1.3	APRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS	8
2	REVISÃO DA LITERATURA	8
3	JUSTIFICATIVA	11
4	OBJETIVOS	12
4.1	OBJETIVO GERAL	12
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
5	QUADRO TEÓRICO	12
5.1	A MULHER NEGRA E AS DESIGUALDADES NO TRABALHO	12
5.1.1	Mulher negra	12
5.1.2	Trabalho	13
6	METODOLOGIA	17
7	CRONOGRAMA	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O presente projeto de pesquisa propõe realizar um estudo sobre a situação das mulheres pretas no mercado de trabalho em Santo Amaro, no âmbito do que se considera mais precário. Trata-se de pesquisa com olhar sócio antropológico sobre as condições de trabalho de mulheres pobres e pretas em ocupações tidas como as menos remuneradas e de baixo prestígio social.

No Brasil a mulher negra, por suas condições históricas, foi a que mais sofreu e sofre com as desigualdades. A escravidão deixou como herança um racismo estrutural na nossa sociedade que faz com que as mulheres negras tenham experiências diferentes das mulheres brancas. Isso desde o tempo da escravidão como nos mostra Theodoro (2008, P.85): "Desde os tempos da escravidão, as mucamas e criadas dos sobrados eram negras e mestiças, pois tais funções eram consideradas vis e inaceitáveis para a mulher branca". Sendo que estas mulheres foram as que mais contribuíram para o crescimento econômico das famílias abastadas, e crescimento econômico do país, já que junto com os homens negros eram as principais trabalhadoras.

Visto que a população negra no Brasil é a mais pobre devido ao rumo que o fim da escravidão se tornou para esse grupo, onde sem nenhuma política de reparação fez com que essas pessoas ocupassem um lugar subalternizado, com péssimas condições de moradia, saúde e educação. E diante do nível social muitas mulheres negras não conseguem terminar os estudos, entrar em uma universidade, conseguir um cargo de chefia, acabando por se submeterem a trabalhos mais precários, com baixos salários e que não resulta em uma melhoria de vida.

As mulheres que exercem os trabalhos mais precários em Santo Amaro, a partir do que foi observado são as negras, ou seja, estão dentro da classificação de pretas e pardas conforme IBGE¹ e com baixa escolaridade. Constata-se que elas têm uma carga horária de trabalho muito alta, encontram dificuldades nesse trabalho

¹ Conforme classificação do IBGE, as pessoas que se autodeclararam pretas e pardas são colocadas no grupo das pessoas negras, pois para fins de implementação de políticas públicas os dois grupos estão muito próximos nas condições socioeconômicas.

Segundo o Diretor do Sindicato do Comércio o Sr. José Roberto, a cidade conta com aproximadamente 250 lojas em que aproximadamente 1.000 mulheres estão empregadas com carteira e sem carteira assinada. A feira livre de Santo Amaro que é um local onde muitas mulheres atuam, conta aproximadamente com 160 barracas. São vendidas, frutas, verduras, condimentos, mariscos entre outros.

Em Santo Amaro a situação das mulheres que atuam na feira livre tem precariedades diversas. Elas relatam falta de fiscalização e organização, pois as barracas não são padronizadas, nem têm interferência do poder municipal para a melhoria das mesmas. Sofrem com a falta de segurança, o que provoca o furto de mercadorias à noite, além de piorar as condições de higiene, pois durante a noite as pessoas fazem suas necessidades pessoais no local e durante o dia no horário do funcionamento da feira, falta limpeza. Os restos de alimentos que não são consumidos pelos fregueses não são recolhidos devidamente ficando no mesmo ambiente, atraindo ratos e insetos. Muitas vezes esses alimentos também são jogados no rio que corta toda a cidade. Relatam também a dificuldade tida todo ano, por conta da celebração do dia 13 de maio. Na ocasião algumas barracas são retiradas do largo do mercado e são levadas para outro local de difícil acesso que dificulta as vendas o que resulta em uma perda de 50% na economia. Essa desocupação do espaço, segundo, ela é por conta própria. O que acarreta despesas, pois elas devem pagar alguém para colocar a barraca em outro espaço que é ditado pela prefeitura.

Estas mulheres feirantes são pretas, em maioria trabalhadora autônoma. São idosas e jovens que trabalham para sustentar a família, ajudam filhos, netos, e com esse trabalho arcam com as despesas da casa. Trabalham durante todo o dia. O que significa uma carga horária de trabalho muito grande, chegam cedo para expor suas mercadorias, mas segundo relatos de algumas, a feira não está dando o mesmo sustento financeiro de antes devido ao crescimento de vendedores.

A maioria das empregadas domésticas que trabalham na cidade exerce a função sem carteira assinada. Apesar da aprovação da Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, mais conhecida como “PEC das domésticas” que garantiu às trabalhadoras e trabalhadores domésticos a maioria dos direitos já previstos atualmente aos demais trabalhadores registrados com carteira assinada. Vejo que a cidade ainda resiste em cumprir com essas novas diretrizes ficando as trabalhadoras sem carteira assinada e salário correto.

Essa realidade encontrada na cidade de Santo Amaro é uma reprodução da sociedade em geral, diante dos problemas citados ainda contamos com a desigualdade entre homens e mulheres em relação às oportunidades, ao tratamento e aos resultados (OIT, 2016, P.13). E podemos perceber que além de sofrer com a desigualdade de gênero as mulheres pretas sofrem ainda com a desigualdade racial.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Diante da situação de desigualdade social e racial pode-se ver que as mulheres, e principalmente as mulheres negras, são as mais desvalorizadas diante a sociedade. O que acaba gerando menos oportunidades para essas mulheres que em busca de soluções entram no mercado da informalidade com precarização, no que consiste nas piores condições de emprego, sem a justa remuneração, sem carteira assinada, ou seja, sem gozar dos seus devidos direitos.

1.3 APRESENTAÇÃO DAS QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS

A inquietação que se propõe nesse estudo é sobre as desigualdades sociais na cidade de Santo Amaro, onde se percebe que tem tido menos oportunidades para a melhoria de vida das mulheres, poucas oportunidades de qualificação, e um mercado de trabalho igualitário para todos. Sendo assim as questões que se colocam são: quais as dificuldades enfrentadas por mulheres negras no mercado de trabalho atual? E quais os efeitos negativos do trabalho precário na vida dessas mulheres e como essas mulheres buscam dar sentidos aos trabalhos que exercem, mesmo sendo os mais precários?

2 REVISÃO DA LITERATURA

O texto Mulheres negras no mercado de trabalho da autora Maria Helena Rosa da Silva (2006), vai tratar a condição das mulheres negras como empregadas domésticas desde os tempos da escravidão, quando eram mucamas e crias de leite das grandes senzalas sempre com a condição de servir as famílias brancas. Segundo ela a situação hoje não é diferente:

A situação da população negra no Brasil, em especial das mulheres, não é muito diferente hoje: elas continuam a ser discriminadas embora permaneçam na luta pelo reconhecimento e pela importância de sua raça, com participação nos movimentos feministas e negros (SILVA, 2006, P. 45)

Devido à falta de oportunidade as mulheres negras e pobres se submetem a trabalho doméstico e mercado informal como refúgio de sua família já que não capacitadas.

Segundo Silva (2002) visto que as mulheres negras e pobres vivem numa sociedade movida pelo capital e com pouca ou nenhuma qualificação, não há outra saída exceto recorrerem às diversas formas de subempregos existentes ou ao serviço doméstico por ser uma atividade de ocupação que exige menos qualificação.

Outro órgão de pesquisa também complementa que:

os maiores percentuais de vulnerabilidade da mulher negra no universo dos trabalhadores ocupados se explicam, sobretudo, pela intensidade de sua presença no emprego doméstico. “Esta atividade, tipicamente feminina, é desvalorizada aos olhos de grande parte da sociedade, caracterizando-se pelos baixos salários e elevadas jornadas além de altos índices de contratação à margem da legalidade e ausência de contribuição (DIEESE, 2009, P. 5)

Ou seja, o fato das mulheres se submeterem aos trabalhos domésticos, e subalternos em grande quantidade, está ligado a não valorização do emprego doméstico, falta de oportunidades e a não escolarização, sendo o trabalho doméstico aquele que não exige escolaridade, por isso é tão presente entre elas.

Lélia Gonzalez (1984) completa dizendo que as trabalhadoras negras estão sobretudo nos trabalhos manuais: “Como os trabalhadores negros (92,4%), as trabalhadoras negras concentram-se, sobretudo, nas *ocupações manuais* (83%)” (GONZALEZ, 1984 apud NASCIMENTO, 2008, P. 34)

Segundo ela esses trabalhos seriam nas áreas rurais a agropecuária e extrativa vegetal. E nas áreas urbanas na prestação de serviços como autônomas ou assalariadas.

No artigo “Os afazeres domésticos contam” os autores mostram a importância do trabalho doméstico para essas mulheres, porém mostra também a invisibilidade e não reconhecimento delas pois são mulheres negras e pobres que recebem um baixo salário, e que são praticamente sentenciadas pela sociedade ao trabalho doméstico. Busca frisar também a desvalorização desse trabalho pela

economia pública, ou seja, não valorizam e nem contabilizam o serviço no Produto Interno Bruto do país (MELO, CONSIDERA, DI SABBATO, 2007)

A Organização Internacional do trabalho (2016), propõe um estudo sobre as dificuldades e avanços das mulheres no mercado de trabalho. Segundo eles o avanço das mulheres está relacionado a educação, desde as últimas décadas as mulheres são maioria nas escolas e universidades, o que não resulta em melhores oportunidades e garantia de se empregarem formalmente.

As dificuldades estão relacionadas principalmente a desigualdades de gênero, a desigualdade salarial, além da má distribuição dos afazeres domésticos, ou seja, a divisão sexual, onde a mulher trabalha mais e os homens menos quando se trata de afazeres domésticos e trabalho remunerado.

Este artigo “Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação” condiz sobre o passado opressor de escravidão e o poderio das mulheres negras que eram a base da família. Sempre com espírito de proteger filhos, companheiros e sua comunidade, as mulheres ajudavam nas fugas e na formação das comunidades. O trabalho propõe analisar os impactos da sociedade na inserção das mulheres considerando seu gênero e sua raça nos pós-abolição nos anos de 1995-2006. Sendo a situação delas de desvantagens por causa do gênero, pois mulheres ganham menos que homens, e raça porque mulheres sendo pardas e negras tem menos oportunidades por conta do racismo. Portanto, “a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho é nitidamente pior do que a dos demais contingentes” (GOMES, PAIXÃO, 2008 P.961)

Já Trippia (2016), em seu artigo sobre a dupla discriminação da mulher negra e as políticas públicas mostra que a discriminação das mulheres está relacionada com o acesso desigual no trabalho, nas atividades exercidas, posições de ocupações, diferença salarial, e também as dificuldades que as mulheres tem em concluir os estudos dificultando o acesso formal.

Em relação ao trabalho das mulheres negras, [...] a pesquisa mostrou que: 22,0% estavam empregadas no setor privado (com carteira assinada), 16,6% trabalhavam como empregada doméstica (sem carteira), 15,9% exercia atividade considerada por conta própria (sem 3 grau), 14,2% empregadas no setor privado (sem carteira assinada), e 7,5% empregada pública/estatutária/militar. (TRIPPIA, 2016, P.30)

Segundo ela “[...] a trabalhadora negra, em especial, é a que mais exerce a atividade de empregada doméstica no país. “ (TRIPPIA, 2016, P. 30-31)

Diante dessas dificuldades foram criadas políticas públicas na promoção da igualdade racial, algumas dessas políticas são: Sistema de Cotas para negros, Estatuto de Igualdade Racial, Programa Nacional de Ações Afirmativas, o Programa Primeiro Emprego; o Programa de Qualificação e Requalificação Profissional; e o Programa Brasil Gênero e Raça (TRIPPIA, 2016)

Então de acordo com essas pesquisas podemos ver que a mulher em sua situação laboral de mulher preta e parda tem mais desvantagens, apesar do avanço da educação. As mulheres estão estudando, mas não se traduz em direitos igualitários e melhoria de vida com melhores oportunidades.

A diferença de gênero e raça causa desigualdades de salário, sobrecarga de trabalho etc. Essas são algumas das maiores dificuldades enfrentadas, pois não é reconhecido e valorizado, mesmo com a liberdade política e a luta pela igualdade.

3 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho de pesquisa pretende tratar das mulheres no mercado de trabalho informal em Santo Amaro e suas precariedades. Considero que este trabalho é importante para a Unilab, pois é fruto do meu desenvolvimento acadêmico no curso de humanidades, ao qual me interessei ao longo da formação em compreender a condição social das mulheres. Por isso esse estudo se volta para o estudo da realidade de um grupo de mulheres negras na cidade de Santo Amaro, ao qual resido, e, portanto, conheço bem. Interessam-me analisar suas dificuldades, vivências e avanços, seja no trabalho, como no meio educacional e acadêmico.

A minha pesquisa para comunidade de Santo Amaro é relevante, pois, relata a história das mulheres negras da cidade, mostrando atividades exercidas por elas no mercado informal, seja como vendedoras, feirantes empregadas domésticas. Portanto, mulheres que ganham o pão de cada dia se submetendo ao trabalho com condições precárias e sem reconhecimento do poder municipal. A pesquisa é relevante para que possamos entender como mulheres negras e pobres de uma cidade se desenvolvem diante da desigualdade, falta de oportunidade e como enfrentam essas dificuldades, sendo a inserção de mulheres tão desvantajosa.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a precariedade do trabalho exercido pelas mulheres em Santo Amaro.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar os elementos que formam a precarização no trabalho desempenhado por essas mulheres em Santo Amaro.
- Perceber como as mulheres se ajustam a dupla jornada de trabalho
- Averiguar a significação positiva e/ou negativa do trabalho exercido, nas perspectivas dessas mulheres.

5 QUADRO TEÓRICO

5.1 A MULHER NEGRA E AS DESIGUALDADES NO TRABALHO

O estudo que proponho busca relacionar o conceito de trabalho com as condições sociais buscando ver a perspectiva da mulher negra e pobre muitas das vezes com baixíssima escolaridade ou mesmo sem qualquer passagem pela escola. Por isso a partir de agora apresento alguns conceitos que ajudam a refletir sobre o tema.

5.1.1 Mulher negra

As imagens de gênero que se estabelecem a partir do trabalho enruidecedor, da degradação da sexualidade e da marginalização social, irão reproduzir até os dias de hoje a desvalorização social, estética e cultural das mulheres negras e a supervalorização no imaginário social das mulheres brancas, bem como a desvalorização dos homens negros em relação aos homens brancos. Isso resulta na concepção de mulheres e homens negros enquanto gêneros subalternizados, onde nem a marca biológica feminina é capaz de promover a mulher negra à condição plena de mulher [...] tal como instituída pela cultura hegemônica (CARNEIRO, 2003 apud RATTIS, 2003, P. 4).

Sendo assim podemos ver que a mulher não é um ser somente biológico, mas sim construída socialmente, ou seja, nem sempre o ser biológico vai exercer a sexualidade biológica, vai ser construída a partir do ser social. “à sexualidade pode ser definida como a construção social desses usos, a formatação e ordenação dessas atividades, que determina um conjunto de regras e normas, variáveis de acordo com as épocas e as sociedades. ” (DICIONÁRIO CRÍTICO DO FEMINISMO, 2009, P. 231)

O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal - passiva emocional etc - como forma de lidar com os papéis de gênero. (BAIROS, 1995, P. 459)

Ainda para que seja construída esse ser social é importante também como se identifica racialmente na sociedade, ou seja, não basta só ser mulher pelo gênero.

Segundo Bairos (1995) O status da mulher negra não é somente biológico, para ela existe duas experiências para ser mulher: aquele ser vivido através do gênero e o de ser mulher através da raça. Ou seja, podemos nos considerar ou auto classificar mulheres e negras, vivenciando a nossa cor, ou podemos apenas ser mulher e não nos classificarmos como preta, parda, branca diante da sociedade dessa forma é somente uma mulher que exerce a sua função biológica.

5.1.2 Trabalho

Trabalho é um meio de sobrevivência do ser humano, onde recebemos um salário pelo nosso trabalho, ou seja, o que produzimos, através deste nos alimentamos, vestimos, bebemos e reproduzimos uma vida de estabilidade.

Para Karl Marx:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como uma potência natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. (MARX, 2013, P. 255)

Trabalho então para ele é são meio de produção que o homem cria com a natureza, ou seja, é a ação do homem sobre ela, transformando a matéria natural de forma útil para a sua sobrevivência.

Em Santo Amaro as mulheres são bem presentes no mercado de trabalho, pois elas estão inseridas em lojas, supermercados, funcionárias públicas municipais, farmácias, escolas, garis. Mas estão inseridas em maior quantidade no mercado informal onde estão os mais precários, ou seja, na feira livre, vendedoras autônomas, empregadas domésticas. Esta realidade pode ser visível em outras localidades:

Pode afirmar-se que muitas mulheres trabalhadoras permanecem numa situação face ao emprego e em profissões que mais parecem modalidades de trabalho informal. Na verdade, globalmente, quase 40 por cento das mulheres no trabalho remunerado não contribuem para nenhum sistema de proteção social (OIT, 2016, P. 4).

No mercado de trabalho podemos ver que a mulher ainda é bastante invisibilizada, diante da sociedade patriarcal que foi construída, ela deveria ser submissa ao marido, e cuidar da casa e dos filhos, e deixar o homem como provedor total da casa, ter a total respeito e submissão.

Já durante a Idade Média a mulher, devido à ascensão do cristianismo, foi mais marginalizada, cumprindo estritamente o dever de obrigação e subordinação, primeiramente ao seu pai e posteriormente a seu marido, devendo seguir os princípios da: “castidade, humildade, silêncio e trabalho”. Foi a partir da Idade Moderna, com o Renascimento, que as mulheres começaram a exigir sua liberdade e autonomia, na tentativa de ganhar seu espaço no meio social. (ROCHA, 2009, P. 83-84, Apud SIQUEIRA, SAMPAIO, 2017, P. 294)

No século 18 e 19, durante a Revolução Industrial, a mulher começou a ser inserida no mercado de trabalho, onde ocorreu a exploração da mão de obra feminina. Devido a utilização das máquinas não era preciso mais o trabalho braçal dos homens, e então passou a ser utilizada a mão de obra feminina pois era mais barata, deixando assim a indústria de convocar mais homens para trabalhar, e contratando mais mulheres.

Ainda nos séculos 18 e 19 ocorreram Revoluções Industriais, que geraram grandes impactos no setor trabalhista. Em tal época houve uma grande exploração da mão de obra, com a feminina sendo utilizada em grande escala, especialmente por ser considerada mão de obra barata. Ressalta-se

que inexistiam quaisquer normas de proteção ou que especificasse a jornada de trabalho. (NASCIMENTO 2009, Apud SIQUEIRA, SAMPAIO, 2011, P. 295)

Sabemos que durante todo o período da escravidão cabia às mulheres negras o trabalho de mucamas, criadas. Elas foram as maiores contribuintes para a sinhá. Escravizadas nas grandes senzalas, cuidavam da casa e dos filhos dos senhores, lavavam, passavam, esfregavam o chão e satisfaziam as exigências dos seus senhores, pois muitas eram abusadas sexualmente e tiveram filhos desse abuso. Trabalhavam também na lavoura e, no geral, esse trabalho teve pouco reconhecimento e quando houve foi por meio da imagem da mãe-preta abnegada (THEODORO,2008).

A mulher passou a ser visível devido às transformações de papéis ditos femininos, ou seja, a reprodutora, a mãe a dona de casa, esses foram modificados e a mulher passou a se integrar no meio da sociedade, tendo acesso aos direitos, e a trabalho. Pois,

Ressalta-se que o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho, contudo, adveio de visíveis e acentuadas transformações em relação aos papéis e às funções atribuídas na sociedade em geral, o que pode ter decorrido de alguns fatores como o controle da natalidade, a busca de uma identidade feminina com o trabalho, o acesso à educação, e a própria subsistência. (TRIPPIA, 2014, P. 27)

Apesar das transformações na sociedade o mercado de trabalho é desigual para homens e mulheres comparado ao salário, ao tempo de trabalho, e as oportunidades. Sendo que os homens ganham mais e as mulheres ganham menos e ainda assim as mulheres trabalham mais horas devido à dupla jornada de trabalho, ou seja, a relação entre casa e trabalho remunerado, o que resulta em mais horas de trabalho e menos remuneração.

Veremos que as mulheres quando ingressam no mercado de trabalho, passam a realizar funções “ditas femininas”, recebendo baixos salários em relação aos homens mesmo realizando funções similares. Associado a isso, a função remunerada pressupõe a existência da dupla jornada de trabalho e ao conflito interno por deixar casa e filhos em busca do trabalho remunerado e de sua profissionalização (CARVALHAL, 2002, P. 2)

Como afirma a OIT (2016, P.7): “As mulheres continuam a trabalhar menos horas no emprego remunerado, enquanto se ocupam da maior parte das

tarefas domésticas não remuneradas e da prestação de cuidados”. Estudos do DIEESE (2005) mostram que na Região Metropolitana de Salvador as mulheres negras recebiam R\$ 3,17 enquanto os homens recebiam por hora R\$ 8,08. Esses dados mostram a situação de desigualdade social entre homens e mulheres no mercado de trabalho, ou seja, o rendimento por hora das mulheres, que é muito desigual do que dos homens, mesmo realizando os mesmos trabalhos e maior carga horária, ainda assim com muitos avanços e as mulheres ocupando mais espaços a desigualdade é persistente.

Para complementar:

A diferença salarial entre gêneros pode estar ligada à produtividade, visto que homens e mulheres “alimentam” expectativas diferentes em relação à vida laboral, o que leva os opostos a investirem valores desiguais em conhecimento científico, e as mulheres ficam com a menor proporção nessa estatística, sendo prejudicadas no desenvolvimento de suas atividades com menor produtividade (ABRAMO, 2007 apud RISSARDI, SCHAFFRATH, 2014, P. 190).

Acredita-se que esse fato da expectativa laboral diferente acontece por que as mulheres se preocupam mais com o meio familiar, com a maternidade ocupando menos tempo no trabalho, não realizando horas extras, nem se disponibilizando em viagens. Dessa forma elas acabam participando menos do trabalho remunerado, resultando em uma baixa remuneração e a desigualdade.

A citação abaixo mostra a situação das mulheres negras:

Na desigualdade por gênero e raça, não há novidade sobre o fato das mulheres negras ganharem menos que os homens em todos os estados brasileiros e em todos os níveis de escolaridade. Elas saem do mercado mais tarde, se aposentam em menores proporções que os homens e há mais mulheres negras idosas que não recebem nem aposentadoria nem pensão. Isto reflete as condições em que estas mulheres estão no mercado brasileiro. (PINTO, 2016, P. 4)

É no trabalho que a desigualdade irá marcar as trajetórias dos grupos sociais, porque influencia diretamente no quanto um grupo poderá crescer mais economicamente do que o outro. Segundo Karl Marx,

A divisão social do trabalho expressa modos de segmentação da sociedade, ou seja, desigualdades sociais mais abrangentes como a que decorre da separação entre trabalho manual e intelectual, ou entre “o trabalho industrial e comercial e o trabalho agrícola; e, como consequência, a separação entre a cidade e o campo e a oposição dos seus interesses”. A partir dessas

grandes divisões, ocorreram historicamente outras como, por exemplo, entre os grupos que assumiram as ocupações religiosas, políticas, administrativas, de controle e repressão, financeiras etc. A cada um desses grupos cabem tanto tarefas distintas quanto porções maiores ou menores do produto social, já que eles ocupam posições desiguais relativamente ao controle e propriedade dos meios de produção. Assim, o tipo de divisão social do trabalho corresponde à estrutura de classes da sociedade. (KARL MARX apud QUINTANEIRO, 2003, P. 3)

A divisão desigual do trabalho e da remuneração irá projetar a classe social em que se vive. A classe rica é aquela que dita as ordens porque tem mais dinheiro decorrente do trabalho das mais pobres que são submetidas aos que os ricos quiserem.

Isso também ocorre com as mulheres e se agrava com as mulheres não-brancas. As mulheres usam parte significativa do seu tempo para fazer trabalhos não remunerados para os homens e por uma sociedade dominadas por homens. Já as mulheres negras, pobres e analfabetas não têm as mesmas oportunidades com relação às das classes médias e ricas, o que gera também desigualdade social e submissões precárias de trabalho, sem a ajuda do governo para a melhoria delas.

6 METODOLOGIA

Para a realização da minha pesquisa, farei uso da abordagem de pesquisa qualitativa em que as entrevistas e os estudos bibliográficos serão os mais utilizados. De acordo com Goldenberg (2004, P.53) que nos diz que: “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situação com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos”. Além disso, irei fazer visitas aos órgãos públicos competentes (secretaria de desenvolvimento, Associação das Marisqueiras e Pescadores e Associação de Santo Amaro e Adjacência e sindicato do comércio varejista de santo amaro - BA) a fim de obter dados concretos sobre a situação das trabalhadoras santamarenses.

Escolhi esse método da entrevista porque me permite um contato direto com o entrevistado, no meu caso mulheres negras que estão no mercado de trabalho informal. Julgando que a entrevista possibilita a interação social, a obtenção de informações, de histórias, experiências, do que é ser mulher e negra no mercado

de trabalho em Santo Amaro, permitindo que haja a liberdade de expressão, e assim gere uma conversa com maior naturalidade.

Sendo assim buscarei trabalhar através de uma entrevista não estruturada, ou seja, uma entrevista mais aberta, onde será guiada pelo entrevistador por perguntas, mais ao longo da conversa podem surgir outras questões também, que podem ser importantes para a pesquisa.

Segundo Richardson (2012, P. 208)

A entrevista não estruturada, mas também chamada entrevista em profundidade, em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo.

A minha pesquisa será realizada com mulheres negras moradoras da cidade de Santo Amaro da Purificação na atualidade, que estão no mercado de trabalho informal. A minha pretensão é entrevistar 10 mulheres que vivem do trabalho informal, no meu caso feirante, vendedoras autônomas, empregadas domésticas, antes da entrevista pretendo formular perguntas que questionem sobre o que é ser mulher negra no mercado de trabalho, diante de várias dificuldades, que visa colocar a mulher num estado de inferioridade. Durante as entrevistas pretendo fazer uso de um gravador, e possíveis anotações.

7 CRONOGRAMA

Semestre	Atividades			
	Trabalho de campo e leituras.	Leituras e escrita do 1º capítulo	Leituras Escrita do 2º e 3º capítulo	Defesa do TCC
Semestre	X			
Semestre	X	X	X	
Semestre			X	X

REFERÊNCIAS

- BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995
- CIDADES DO BRASIL. **Município de Santo Amaro**. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-santo-amaro.html>>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. A inserção da mulher no mercado de trabalho e a questão de gênero. **Revista Pegada**, v. 3, n. 1, 2002.
- DA SILVA, Marta Helena Rosa. Mulheres negras no mercado de trabalho: empregadas domésticas. **Revista de Educação Popular**, v. 5, n. 1, 2006.
- DE SOUZA, Márcio Ferreira. HIRATA, Helena. (Org.). Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009 (329 P.). **Caderno Espaço Feminino**.
- DIEESE. A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano—inserção marcada pela dupla discriminação. **Estudos e Pesquisa DIEESE**. n.14, p. 1-8, nov.2005.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004
- IBGE. Área da unidade territorial: Área territorial brasileira. Rio de Janeiro, 2017
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital; [tradução de Rubens Enderle]. São Paulo: Boi tempo, 2013.
- MELO, Hildete Pereira; CONSIDERA, Claudio Monteiro; DI SABBATO, Alberto. Os afazeres domésticos contam. **Economia e sociedade**, v. 16, n. 3, p. 435-454, 2007.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, São Paulo: Selo Negro, 2008
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Mulheres no trabalho**: Tendências, Brasília: 2016
- O GLOBO. PEC das Domésticas: leia perguntas e respostas e tire suas dúvidas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2015/06/pec-das-domesticas-leia-perguntas-e-respostas-e-tire-suas-duvidas-sancionado.html>>. Acesso em: 06 mai. **O Globo**, 2018.
- PINTO, Giselle. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. **Anais**, p. 1-16, 2016.
- População estimada*: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2017

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. **Estudos feministas**, v.16, n.3 p. 949-969, 2008.

QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos-Marx| Durkheim| Weber**. Editora UFMG, 2003.

RATTS, Alecsandro JP. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, v. 27, 2003.

RISSARDI, Viviam Fiabane; SCHAFFRATH, Evaldo. Mercado de trabalho: desigualdades de gênero e enfrentamento ao conflito. **Unoesc & Ciência-ACSA**, v. 5, n. 2, p. 187-194, 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. José Augusto de Souza Pares (ORG.) Pesquisa Social: métodos e técnicas, 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

TRIPPIA, Luciane Maria; BARACAT, Eduardo Milleo. A discriminação da mulher negra no mercado de trabalho e as políticas públicas. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, PR, v. 3, n. 32, p. 26-38, jul. /ago. 2014.